

De MARISE MANOEL

varando o assoalho
soerguendo o impossível leito
ou dobrados no quarto
mãos vazias que se dão ao vento.

(inérito)





Por mais que me esgote
o desprender perene
não há lacunas vacâncias
onde de mim eu não me reinvente.

(inédito)

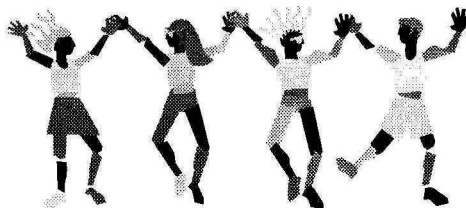


GESTO

No chão entrelaçados
vulcão estremeçamento
lâmpada acesa com
cigarras dentro

varando o assoalho
soerguendo o impossível leito
ou dobrados no quarto
mãos vazias que se dão ao vento.

(inédito)



O POETA

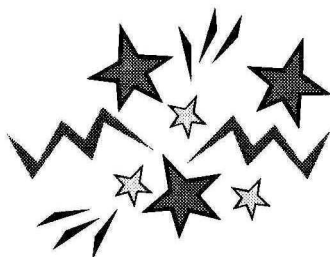
Azul
seu olhar de fósforo
vozes no escuro
a brancura da tarde

Entre coisas já vistas
seus poemas revelam
mudanças minúcias
rios rechaçando margens

? Entre coisas já vistas
o céu o céu interminável
seu olhar de chuva
ou naufrágio

Azul assim nunca vi
seu olhar:
insondável vargem
que desenrola o dúbio
idioma das aves.

(perfil de sal, 1983)



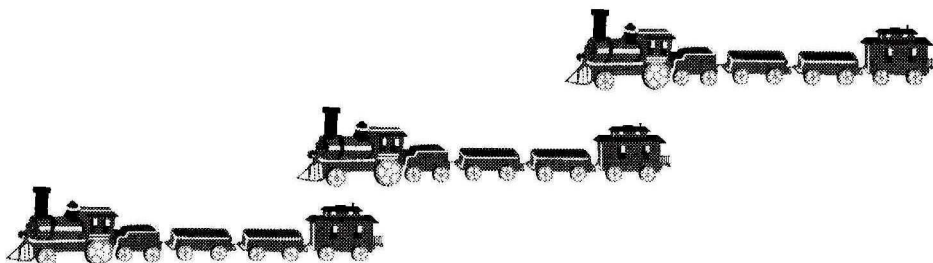
ENCONTRO I

Vivo de quantos me procurem
e sempre que antes
me encubram
sobre balcões monturos
sou eu quem vai
de encontro aos seus escuros

Vivo mais de quem
em mim se abrasa
e se apaga
e vaga sobre
os meus escudos

Vivo daqueles quantos
me vêm com tochas
e mais de quem
ao sair
não leva a porta.

(inédito)



INCOMPLETUDE

Não soma o tempo
em que de mim me subtraio
porque se me esvaio e esvaio

Nem um segundo a mais
se me consentem
ou basta um
para quem escoa sobre as horas

Por mais que me esgote
o desprender perene
não há lacunas vacâncias
onde de mim eu não me reinvente.

(inédito)





O POEMA

Da mesma calcinação interna
o verso mais febril e mais avaro
e com urgência
no desvão dos ossos
canta este galo

Vem do outro que
em mim blasfema
este gozo incendiário
poema que se reacende
sobre o seu carvão
meu ossuário

Da repetida ave queimada
o tema menos justo e mais corrente
das palavras e seu grito ainda quentes
abrasando-me as mãos

Claras e usuais
claras e queixosas

e disponíveis
- também o fragor do galo
sob a trama das
cotidianas humilhações.

*Marise Manoel - Curitiba/Paraná/Brasil - marisem@pr.gov.br